

Bibliografia sobre comunicação e educação¹

Ismar de Oliveira Soares

Professor livre-docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Coordenador do NCE – Núcleo de Comunicação e Educação. Presidente da UCIP – Union Catholique Internationale de la Presse (2001-2004).

E-mail: ismarolive@yahoo.com

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2004.

Autor de várias obras sobre o tema da educação ambiental, o professor da UFRJ e da UESC, Carlos Loureiro, fez do seu mais recente livro uma referência sólida para professores, ambientalistas e pesquisadores atentos ao encontro inadiável entre educação e meio ambiente. Imbuído de perspectiva histórica, o autor reconstitui com notável poder de síntese a trajetória da relação entre o movimento ambientalista e a educação, o surgimento e os diversos matizes da educação ambiental nas esferas mundial e nacional. O aspecto descritivo da obra faz par com um vigoroso posicionamento teórico-metodológico voltado para o entendimento crítico das categorias-chave da educação ambiental. Loureiro investe contra o desgaste e o esvaziamento de sentido dos conceitos em razão da superficialidade e da falta de problematização lógico-prática com que são apropriados e empregados pelo senso comum generalizado e pouco reflexivo de ambientalistas e educadores. Seu trabalho passa a ser então o de revigorar e ressignificar os fundamentos e conceitos da educação ambiental. Atento aos aspectos macrosociais da questão ambiental num contexto de transformação global, o autor volta-se para a problematização das iniciativas governamentais e não-governamentais, destacando aí a freqüente indistinção das ações quanto aos seus fundamentos e finalidades, denunciando a superficialidade do debate teórico desatento ao papel histórico-social da educação ambiental. Contudo, Loureiro recusa velhas e novas ortodoxias, afastando-se da pretensão de fazer da sua análise um receituário a ser adotado indistintamente, sem o devido respeito às diversidades biológica e cultural. Ao mesmo tempo, repele a inclinação comum que consiste em “recair num relativismo absoluto e no atomismo de iniciativas que passam a ser vistas como válidas em si mesmas”, posturas que, segundo ele, “em nada favorecem a consolidação da educação como atividade cidadã, reflexiva e afinada com a superação das relações de dominação vigentes”.

1. Pesquisa e redação:
Dra. Patrícia Horta Alves,
gestora do NCE – Núcleo
de Comunicação e Educa-
ção da ECA-USP.

LAYRARGUES, Philippe Pomier (Coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

O esforço pelo amadurecimento teórico do campo da educação ambiental – através do aprimoramento conceitual como fruto de um diálogo que busca a ressignificação das categorias e das práticas, procurando estabelecer os pontos de convergência e de distinção entre as abordagens e demarcar as fronteiras entre as diferentes vertentes que operam num mesmo campo de atuação – é a tônica dessa coletânea que reúne artigos de diversos especialistas em educação ambiental. A opção de não produzir uma coleção de monólogos dissonantes levou à adoção de um critério de organização dos ensaios baseado num roteiro temático que contém algumas questões orientadoras, ordenando a estrutura dos artigos sem implicar perda da peculiaridade de cada intervenção. Tudo em benefício da meta de contribuir para orientar a práxis educacional no que respeita às questões de meio ambiente.

ANDRÉ, Simone; COSTA, Antônio Carlos Gomes da. Educação para o desenvolvimento humano. São Paulo: Saraiva/Instituto Ayrton Senna, 2004.

As concepções e métodos empregados nas ações do Instituto Ayrton Senna são expostas de modo extremamente didático. O método é apoiado nos quatro pilares da educação para o século XXI (aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer, aprender a conhecer), propostos por Edgard Faure, e no relatório da Unesco, Educação: um tesouro a descobrir, coordenado por Jaques Delors. Assumindo a perspectiva da Educação para o desenvolvimento humano, o Instituto Ayrton Senna apresenta ao público as diretrizes capazes de orientar as ações que advenham tanto de políticas públicas, do mundo empresarial ou de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos (terceiro setor). Reafirmando a clareza de que o “desenvolvimento humano sustentável” passa obrigatoriamente por uma ação decidida no sentido de “desenvolver o potencial das novas gerações”, o livro traz orientações muito objetivas para uma intervenção no campo educacional baseada na exploração intensa e conseqüente das competências básicas do educando. Merece destaque o trabalho gráfico que deu ao livro um aspecto atraente e torna agradável a leitura.

ROSSETTI, Fernando. Mídia e escola: perspectivas para políticas públicas. São Paulo: Unicef/Edições Jogo de Amarelinha, 2005.

Este livro faz parte do projeto Comunicação, Educação e Participação, iniciativa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), tendo por objetivo discutir e apoiar práticas que priorizem o direito à informação de crianças e adolescentes. O jornalista Fernando Rossetti, com larga experiência no desenvolvimento de projetos no campo da comunicação e educação, mostra-nos como as novas tecnologias da informação se articulam com experiências educacionais distintas vividas nos estados de São Paulo, Amazonas, Bahia, Ceará, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Embora sejam projetos que utilizem mídias diferentes (jornais,

rádio, murais, livros, revistas, cartazes, entre outras), compartilham uma série de raízes históricas. No campo da educação, uma delas é Paulo Freire. Já no campo da comunicação, existe um fio condutor que passa pelo sociólogo francês Émile Durkheim e chega até a escola latino-americana, na qual se sobressai a figura de Jesús Martín-Barbero, que propõe o conceito de mediação cultural, a partir do qual trabalham os projetos do NCE-ECA-USP (São Paulo) ou da Fundação Casa Grande, em Nova Olinda (Ceará). O autor aponta como alternativa viável a execução de projetos locais, em parceria com escolas da região, ONGs e/ou universidades. De acordo com o relato de Rossetti, percebe-se que independentemente da ação escolhida, os projetos envolvendo comunicação e educação, com caráter participativo, apresentam-se como importantes propostas que dão aos alunos e professores a oportunidade de transformar o ensino e a aprendizagem. Nesse sentido, o escopo do livro é alertar as autoridades públicas sobre a viabilidade de avançar no campo das políticas públicas no âmbito da educomunicação, como já vem afirmando, desde o final dos anos 1990, o próprio Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

GOTTLIBE, Liana (Coord.). Comunicação e mercado; mestrado na Cásper Líbero: orientação e resultados. São Paulo: Iglu, 2004.

Com vários livros já publicados nos campos da comunicação e educação, a autora reúne numa mesma publicação artigos das dissertações de seus orientandos na Faculdade Cásper Líbero – pioneira no ensino superior de comunicação no Brasil – com comentários e análises de docentes envolvidos em programas de pós-graduação. O livro aborda as seguintes áreas da comunicação: cinema e teatro, jornalismo, rádio, televisão, publicidade e propaganda, relações públicas e comunicação empresarial. No tocante à TV, o livro traz reflexões importantes como a de Rodney de Souza Nascimento, que analisa o processo de desenvolvimento dos merchandisings nas telenovelas, focando o caso de “Suave Veneno”, da Rede Globo. Já na radiodifusão, Carla Castilho enfoca a participação do ouvinte em emissoras com programação nitidamente jornalística (Jovem Pan-AM, Eldorado-AM, Bandeirantes-AM e CBN-AM e FM). No campo da publicidade, um dos textos em destaque é sobre a redação publicitária de autoria de Vilma Marchioni.

VIVARTA, Veet (Coord). Cidadania antes dos sete anos: a educação infantil e os meios de comunicação. São Paulo: Cortez, 2003.

Esta publicação faz parte da Série Mídia e Globalização, uma iniciativa editorial da Agência de Notícia dos Direitos da Criança (ANDI). Trata-se de um guia para a cobertura abrangente e qualificada sobre educação infantil, capaz de estimular a imprensa escrita a abordar com maior profundidade e intensidade essa importante e fundamental etapa do processo educacional. Pedagogos, psicólogos, jornalistas e pesquisadores ajudam-nos, de maneira clara e objetiva, a entender a dinâmica organizacional e legislativa da educação infantil no Brasil. Com base nesse panorama, o livro traça um paralelo com a atuação

de jornais e revista na área educacional. A leitura desse manual mostra-nos como jornais e revistas tratam a educação infantil. Via de regra, a abordagem é feita de maneira tímida e superficial, com pauta girando quase sempre em torno de ganchos pontuais: abertura de uma creche num determinado bairro ou a luta por uma vaga em tempos de matrícula. Tal constatação se sustenta em pesquisas (feitas pela ANDI e pelo Instituto Ayrton Senna, com o apoio do Unicef) e no relato de repórteres e editores de jornais e revistas. Em 2000, por exemplo, as revistas Amanhã, Cláudia, Criativa, Época, Exame, Marie Claire e, Veja totalizaram mais de 800 textos sobre infância e adolescência. No entanto, a educação infantil teve apenas 15 inserções como assunto principal de reportagens, editoriais ou artigos nesses veículos. Outra constatação importante é que em alguns estados brasileiros a visão oficial ainda determina a cobertura midiática. Diante dessa falta de visibilidade para algo que deveria ser encarado como prioridade, o livro aponta um roteiro didático que pode muito bem ser utilizado pelas redações de jornais e revistas, além de um abrangente relatório de fontes com informações sobre sites, estudos, organizações, publicações e especialistas ligados à educação infantil.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

A proposta do autor é clara: contribuir para que o cinema deixe de ser usado, quando muito, como mera ilustração de aulas e se torne, de fato, um importante instrumento didático no trabalho desenvolvido pelos professores. Com essa obra, Marcos Napolitano, professor do departamento de História da UFPR, dá seqüência a um trabalho que se propõe a “interfacear” meios e atividades pedagógicas. Anteriormente, Napolitano já havia escrito sobre como usar a televisão em sala de aula. Para falar sobre o cinema como instrumento didático, o autor dividiu o livro em duas partes. Na primeira, faz uma análise da história e linguagem cinematográficas e aborda a relação do cinema com a escola, apontando alguns procedimentos do uso de filmes, pedagogicamente. Na segunda, parte para ações práticas, apontando atividades que podem ser realizadas com base na leitura de mais de cem produções nacionais e estrangeiras. Uma delas é Blade Runner – Caçador de Andróide. Para o autor, o filme aborda pontos como relação entre criador e criatura, memória, ética e sentimento de humanidade. A partir dessas considerações, ele propõe uma série de questões, como, por exemplo, a discussão do pós-moderno em metrópoles mundiais ou o debate sobre a manipulação genética, incluindo a clonagem humana, tema em evidência.